Mídia e Devotos: Vozes Formadoras do Discurso Sobre um Santo Popular – Motorista Gregório[1]

Iury Parente ARAGÃO[2]

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Esta pesquisa analisa a relação entre os discursos dos devotos do santo não-canônico motorista Gregório e dos jornais de Teresina. O objetivo é verificar quais são as vozes formadoras das mais diversas histórias, como também de entender a referência mútua entre fiéis e a Grande Mídia. Mikhail Bakhtin foi fundamental para a análise dos dados colhidos, pois seus conceitos de vozes e de polifonia tiveram o papel de referencial teórico. Como metodologia, foi necessário realizar pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista não estruturada. Os resultados apontam para a existência de um processo dialético entre os devotos e os jornais, criando e recriando o mistério, o martírio e a reputação de milagreiro do motorista Gregório.

PALAVRAS-CHAVE: Vozes; Polifonia; Motorista Gregório; Mídia; Devotos.

INTRODUÇÃO

A religião católica surgiu no Brasil quando a colonização começou, com a vinda dos lusitanos. No período colonial a igreja existia conforme a tradição medieval, com a união entre Estado e Igreja pela defesa contra os inimigos da fé e pela manutenção da ortodoxia religiosa pelo tribunal da Inquisição. Os cultos eram envolvidos por obrigatoriedade, tais como a assistência das missas aos domingos e festas de preceito, confissão e comunhão anual na época da páscoa, as abstinências e jejuns nos dias prescritos e participação em determinadas procissões. (AZZI, 1978, p. 44-48)

O catolicismo popular criou as formas atuais a partir dos portugueses, os quais tinham certa brandura e tolerância, diferentemente da exaltada, turbulenta e dura realidade espanhola (AZEVEDO *apud* AZZI, 1978, p. 50-51). A Cristandade medieval não era hostil às manifestações populares, desde que as obrigações oficiais fossem cumpridas. As pessoas satisfaziam a vontade do clero e depois realizavam suas devoções, adorando santos regionais, orando em pequenos espaços transformados em santuários e vendo bons aspectos nas mais diversas religiões. Essa postura mais aberta era apta para a assimilação de práticas de outras crenças, sendo este um caminho para o sincretismo religioso, tão comum no Brasil.

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, e-mail: iparagao@yahoo.com.br.

No Piauí existem vários cultos a milagreiros, com grupos destinando algum tempo da sua semana para rezar, pedir ajuda ou agradecer aos santos populares. Um desses personagens é o motorista Gregório, o qual conta com um monumento construído em sua homenagem, recebendo devotos durante todo o ano, principalmente às segundas-feiras (dia das almas santas e benditas) e no Dia de Finados, época em que recebe maior número de fiéis.

Dessa forma, este estudo tem como objeto o santo não-canônico motorista Gregório, o qual é visto como milagreiro, tendo fiéis que peregrinam a um monumento feito em sua homenagem para pedir graças e para agradecer desejos alcançados, seja por meio de ex-votos, de formas dramatizadas de reconhecer a ajuda ou pelo simples ato de acender uma vela e rezar.

A imprensa se interessa por essa devoção popular, fazendo notícias sobre a fé no santo não-canônico, divulgando a história do martírio e até produzindo documentário. Livros também existem tendo Gregório como tema, principalmente os que enfocam os momentos de sofrimento que antecederam sua morte e a devoção pelo, hoje, santo.

É possível que haja uma ligação entre os discursos construídos pela mídia e pelos devotos. Então, o objetivo reside em tentar entender como ocorre essa relação, buscando observar se existe uma imposição de uma parte para a outra ou se há uma relação dialética, na qual a história é recriada pela interação entre os fiéis e a mídia. Qual é a importância da mídia na construção do santo não-canônico motorista Gregório, e qual é o papel dos fiéis na formação e difusão da história do santo popular em questão?

A metodologia empregada consistiu em pesquisa bibliográfica, com a leitura de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos que tiveram como tema o santo popular objeto deste estudo, além de pesquisa documental no Arquivo Público de Teresina: nos jornais existentes no período de outubro, novembro e dezembro de 1927 (período próximo da morte do motorista Gregório); nos jornais “O Estado” e “O Dia” no mês de setembro 1975 (período em que houve a entrevista do perito criminal Delfino Vital da Cunha Araújo com Florentino Cardoso); nos jornais “O Estado” e “O Dia” nos anos de 1982, 1983 e 1984 (período próximo da inauguração do monumento ao motorista Gregório); e matérias, depoimentos, fotos, cordéis e demais documentos pertencentes ao arquivo sobre o motorista Gregório mantido por Vital Araújo. Para entender a rotina, os interesses e as aspirações do grupo foi necessário o contato com os devotos, sendo o Dia de Finados o período escolhido, pois é a época de maior movimento no monumento levantado em homenagem ao santo popular.

O estudo da comunicação na religião do povo faz-se importante não apenas pelo entendimento dos aspectos formais que regem os cultos dos fiéis, mas também dos "cultos" produtores de notícia dos meios de comunicação mediados. É importante não somente no estudo dos aspectos formais, mas da "espiritualidade[3]" que cerca a interação fiéis/fiéis e mídia/fiéis.

DIALOGISMO E POLIFONIA NOS DISCURSOS FORMADORES DO SANTO POPULAR

Para a análise do objeto em estudo, o pensamento de Mikhail Bakhtin aparece como um dos caminhos mais adequados a ser seguido no intuito de que os problemas levantados sejam respondidos. O caráter interativo da linguagem e a natureza sócio-histórica da língua são pressupostos que podem explicar as observações feitas do grupo de seguidores do santo popular e da mídia.

Primeiro ponto a ser levantado é o da "Interação Verbal", pois Bakhtin via a língua como algo vivo na sociedade, que é parte integrante das relações sociais, não sendo apenas uma estrutura imutável, pelo contrário, é algo que evolui, penetrando na "vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua" (Bakhtin , 1997, p.282). A palavra é constituinte da relação entre os indivíduos, ela é base para todas as relações:

> Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (BAKHTIN, 1992, p. 41):

O dialogismo é constitutivo da linguagem, que é formada pelo diálogo entre discursos e entre interlocutores. É uma constante dialética em que diversas vozes se entrelaçam, se unem, se afastam e formam um sentido ao dito, ao texto, sendo a relação entre as pessoas a integração construtora de textos e de sujeitos. Desta forma, "a noção de dialogismo, de acordo com Bakhtin, pressupõe uma cultura fundamentalmente não unitária, na qual diferentes discursos existem em relações de trocas constantes e versáteis de oposição" (MARQUES, p.59). Tendo isso em vista, compreender significa orientar-se de acordo com o destinatário, notar quais são suas características e saber conhecer o contexto.

[3] Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy (1978, p. 10), "se a religiosidade é a prática da religião em seus aspectos formais, a espiritualidade é a manifestação psíquica do sentido religioso".

Outro princípio básico importante é o da polifonia. Será seguida a diferenciação feita por Barros (2001, p.36), a qual distingue dialogismo, polifonia e monofonia:

> (...) reservando o termo dialogismo para o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso e empregando a palavra polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem. Trocando em miúdos, pode-se dizer que o diálogo é condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, conforme variem as estratégias discursivas empregadas. Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever, nos textos monofônicos eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz.

Noções de dialogismo, polifonia e monofonia poderão ser empregadas no presente estudo, pois a visão de Bakhtin, ao ver o discurso como algo dialético, transformador e transformável, poderão disponibilizar reflexões aprofundadas sobre o objeto em estudo. Desta forma, as contribuições do teórico russo serão relevantes durante todo o trabalho, enriquecendo a capacidade analítica no processo da pesquisa, para que a problemática seja resolvida de maneira fidedigna.

HISTÓRICO DO SANTO POPULAR MOTORISTA GREGÓRIO

O motorista Gregório tornou-se milagreiro no imaginário popular após a sua morte. Ele não tinha nenhum grande reconhecimento em vida, era apenas um garoto que trabalhava como motorista para a paróquia da cidade de Barras (PI), para o padre Lindolfo Uchôa. O veículo foi adquirido com a finalidade de o pároco visitar as localidades mais distantes e, assim, ter acesso a um número maior de pessoas.

O santo popular em questão, embora tendo sido reconhecido como tal no Piauí, não era piauiense, tendo a naturalidade desconhecida até hoje. Muitos cogitam que o seu nascimento ocorreu na Paraíba, pois foi neste Estado que ele foi contratado e levado à cidade de Barras pelo comerciante Jaime Teodomiro.

Gregório Pereira dos Santos, o motorista Gregório, era um garoto que estava morando na Paraíba e aos dezenove anos foi residir em Barras do Marathaoan (PI) a convite do comerciante Jaime Teodomiro. Este foi à Paraíba com o intuito de comprar um carro, o Ford T, para circular na cidade piauiense. Ao adquirir o veículo, o comerciante contratou Gregório para ser o motorista. Após pouco tempo, Jaime passou o carro para a paróquia do padre Lindolfo Uchôa.

A história da sua morte e da sua santificação popular começou no dia 14 de outubro de 1927. A cidade em questão estava em festa porque Dom Severino Vieira de Melo iria visitar a

paróquia de Barras. Era uma visita rara, pois a população inteira se preparou, conforme explica Barros[4] em entrevista com este pesquisador:

> A visita de Dom Severino deve ter sido uma visita muito rara, porque fizeram uma festa muito grande. Eu conversei com algumas pessoas que eram crianças na época e me disseram que a cidade mudou completamente. Fizeram um jantar muito grande para ele na diocese, tinha banda de música, que ficou montada uma tarde inteira esperando, e ele nunca apareceu. (BARROS, 2009)

Neste dia atípico, em que as ruas estavam enfeitadas e a população esperava a visita de Dom Severino, Gregório, dirigindo o Ford T, levava o juiz de Direito José de Arimathéa Tito, o coronel Otávio de Castro Melo e o padre Lindolfo Uchôa para receber Dom Severino na entrada de Barras. Ao passar pela Rua Grande, Manoel Cardoso de Vasconcelos, uma criança com 4 anos de idade, saiu de dentro da sua casa e cruzou na frente do carro, sendo atropelado, com o pneu tendo passado por cima do seu peito, causando traumatismo na região torácica, levando-o à morte. A população local afirmava que foi uma fatalidade e que Gregório não teve como evitar o atropelamento.

Manoel era filho de Florentino Cardoso, inspetor de veículos e delegado da cidade. Florentino, ao saber que seu filho fora atropelado, prendeu Gregório, torturando-o e deixando-o sem comida e sem água. O juiz de Direito José de Arimathéa Tito, que estava dentro do carro no momento do acidente, ficou sabendo da prisão do motorista e expediu um *Habeas Corpus* para a liberação de Gregório.

O delegado disse ao juiz que iria cumprir a ordem, mas foi para Teresina levando o motorista Gregório acorrentado pelo pescoço. Ele ordenou que João Fernandes, apelidado Peba, guiasse um caminhão até Teresina. Nele foram Guiomar (esposa do delegado), o caixão com o corpo de Manoel, o delegado, dois soldados e todos os pertences da família. Gregório viajou na boléia, acorrentado pelo pescoço. Por causa da péssima condição da estrada, a viagem foi demorada, durando toda a noite até chegarem ao porto do Porenquanto, localizado na cidade de Teresina, capital piauiense, onde tiveram que descarregar o caminhão para ter condição de descer a ribanceira. Quando a carga foi descida, inclusive o caixão com o corpo de Manoel, Florentino, ao ver o féretro no chão, puxou a Parabélum e disparou um tiro na cabeça de Gregório. O laudo do exame cadavérico aponta como ocorreu a morte:

> Aos 17 do mês de outubro de 1927, procedeu o Perito Médico Legista, Doutor Benjamim de Moura Baptista, o exame no cadáver de José Gregório, ao cabo do qual respondeu que houve lesões corporais produzidas por cordas nos punhos, chicotadas no rosto e nas costas e marcas de corrente no

[4] Eneas Barros, autor do livro "Parabélum", o qual é um romance baseado na história do motorista Gregório.

> pescoço, tendo sido empregado meio cruel e tortura. Informa que a vítima apresentou ventre escavado e costelas à mostra e uma perfuração produzida por arma de fogo no ouvido direito, que produziu morte instantânea (BARROS, 2008, p. 174)

A VOZ DOS FIÉIS

Considerando o tópico "Histórico do Santo Popular Motorista Gregório" como a versão mais próxima dos fatos como realmente aconteceram, já que está fundamentado em documentos e em depoimentos de pessoas que estudaram o caso, esta parte da pesquisa trará as versões dos fiéis, alguns relatando como ocorreu a morte do motorista-santo, os motivos da crença e as fontes de seus conhecimento sobre o milagreiro.

Um dos devotos entrevistado é Antonio Alves Pereira da Silva, seguidor há 15 anos do motorista Gregório. Ele conheceu o santo popular pelos seus pais que, embora não fossem devotos, gostavam de visitar o local do assassinato, onde foi construído o monumento que homenageia o milagreiro. "Eu vivi um tempo muito difícil, o qual me apeguei com ele e me vi muito aliviado (...). Fiz uma promessa pra que ele curasse essa dor, que me socorresse num momento difícil. (...) Ele ouviu minha mensagem", contou Silva. Ele tem sua história sobre o santo não canônico, conforme expõe:

> Seu Jurandir me disse que foi naquela árvore. Ele passou, parece, que ele passou sete dias e sete noites. Ele veio arrastado lá de Barras para cá. Veio arrastado num Jipe, um Jipe da polícia. Aí, trouxeram ele pra cá e amarraram. Parece que ele matou, atropelou um filho de um Coronel. Ele chegou a falecer, não é? Ele veio de Barras pra cá arrastado! Chegaram aí e amarraram e ele passou, se não me engano, sete dias e sete noites. Sem beber e sem nada! Igual Cristo! Terminaram executando ele. Deram um tiro na testa. Ele morreu primeiro agonizando. Ele já estava morto, aí pegaram e executaram. Ficou esse martírio. Ele foi amarrado de frente para o rio, pra olhar pra água, pra dar sede e ele não beber.

Existem as mais diversas histórias sobre a morte do santo não-canônico, com cada fiel acreditando na sua, ouvindo outras e recriando-as. Mas há aspectos que se mantêm, formando uma imagem santificada, resgatando pontos comuns em outros milagreiros, e sendo o martírio o mais fundamental. E no depoimento acima transcrito encontram-se traços característicos das histórias criadas pelos devotos.

O primeiro deles é "Seu Jurandir me disse que foi naquela árvore". A história conhecida, popularizada, não é proveniente de estudos, de resgates históricos. Ele escutou de alguém, que já ouviu de outra pessoa. Não é sabido em quais pontos as histórias se criam e se recriam, elas têm caminhos próprios, com cada homem que a escuta e a transmite sendo uma peça, mais um sujeito agente nessas reconstruções.

As historias correm, passam por vários sujeitos, cada qual com sua vida, com seu contexto, interpretando o escutado/lido de acordo com seus aspectos pessoais, retirando trechos considerados sem importância, acrescentando partes que possam dar mais dramaticidade e, também, sendo provável a existência algum ruído nos diálogos. Nessas interações há a questão da percepção seletiva, a qual se caracteriza quando os receptores/emissores, ao interpretar as mensagens, as distorcem para se adequarem aos seus valores, pois "a interpretação transforma e modela o significado da mensagem recebida, preparando-a para as opiniões e para os valores do destinatário, às vezes a ponto de mudar radicalmente o sentido da própria mensagem" (WOLF, 2005, p. 24).

Nas conversas com os devotos é perceptível a reiteração de o motorista Gregório ter sido assassinado na beira do rio Poti, olhando para a água sem poder bebê-la por estar amarrado. Acrescentando informações à questão do martírio, existem os relatos de o santo popular ter sido acorrentado pelo pescoço e de ter sido arrastado da cidade de Barras até Teresina (distância em torno de 120 km, tendo em consideração as estradas atuais). O entrevistado traz esses aspectos em sua fala, afirmando que "ele veio de Barras pra cá arrastado!" e "ficou esse martírio. Ele foi amarrado de frente para o rio, pra olhar pra água, pra dar sede e ele não beber".

Antonio Silva tenta passar mais dramaticidade ao caso quando fala do momento da morte de Gregório: "Deram um tiro na testa. Ele morreu primeiro agonizando. Ele já estava morto, aí pegaram e executaram". Por esse trecho pode ser notada a dramaticidade que foi dada à execução e a importância da enorme sede tendo um rio à vista. Silva mostra que a característica da morte por sede, em frente ao rio é mais forte do que o assassinato por um tiro, pois ele revela seu conhecimento que o falecimento se deu por causa de um tiro na cabeça ao afirmar que "deram um tiro na testa", mas continua e arrisca mostrar que o suplício foi a *causa mortis*, tentado reformular o momento da morte ao dizer que "morreu primeiro agonizando. Ele já estava morto, aí pegaram e executaram". Silva contou a história da morte por tiro, mas tenta reformular, dizendo que o milagreiro morreu primeiro agonizando e depois é que foi executado. Neste trecho fica claro a importância da morte por sede, aumentado, desta forma, o sofrimento do santo não-canônico.

Por fim, no último trecho a ser destacado nesse depoimento, há a santificação do motorista Gregório. Adicionado ao martírio existe a comparação com Jesus Cristo. Este sofreu antes de ser crucificado, tendo que andar no deserto carregando uma cruz, foi torturado, passou 40 dias em jejum, sua mãe assistiu às sevícias etc., e tudo isso por pregar a paz, por querer o amor. Jesus foi injustiçado. Gregório foi preso injustamente por ter

atropelado e matado sem dolo uma criança, foi acorrentado pelo pescoço e arrastado de uma cidade a outra, foi acorrentado em frente ao rio Poti e, estando com sede, não pôde beber água. Gregório sofreu e foi injustiçado como Jesus. Silva santifica o motorista Gregório ao afirmar que "chegaram aí e amarraram e ele passou, se não me engano, sete dias e sete noites. Sem beber e sem nada! Igual Cristo!".

Outro depoimento que merece ser destacado, principalmente por algumas características contrárias à história contada por Antonio Silva e por manter o cerne do martírio sofrido, é a contada por Rejane Melo, que não é devota, mas teve acesso à história através da sua mãe, que é afeiçoada ao santo não-canônico. Ela narra a morte do motorista Gregório da seguinte forma:

> Diz que ele foi assaltado. Aí parece que ele não tinha dinheiro pra dar pro povo, pros bandidos. Então, eles pegaram ele (Gregório) e amarraram e levaram para a beira do Poti. Aí amarraram ele num tronco de pau, sentado no chão, com as mãos para trás amarradas. Ele tava com sede. O povo diz que ele morreu com fome e com sede amarrado. Aí dizem que pra fazer pouco, eles botavam as garrafas de água perto dele, mas como ele estava com as mãos amarradas, ele não conseguia pegar as garrafas. Diziam que ele tentava pegar com a boca e não conseguia, derramava e não conseguia beber. Aí o povo diz que ele morreu de fome e de sede.

Faz-se importante distinguir os dois sujeitos que depuseram. Silva não tem pais devotos, mas recebeu o conhecimento de que há um milagreiro e, recorrendo a ele num momento difícil, percebeu que, quando necessário, poderia ter o auxílio do santo popular. Ele tornou-se devoto por escutar histórias e por pedir ao motorista Gregório que intercedesse por ele. Já Rejane Melo não é devota e não costuma freqüentar o local, embora acredite nos milagres. Ela teve acesso à história através da sua mãe, que é afeiçoada ao santo não-canônico. Ele é devoto e não teve influencia da família para crer no santo. Ela não é devota, mas sua mãe sempre lhe falou do milagreiro. As histórias contadas são completamente distintas, porém a linha que faz de Gregório santo manteve-se: a sede, tendo um rio à frente, e o martírio.

O depoimento de Melo é sobre um assalto em que Gregório, por não ter dinheiro, foi levado à beira do rio para ser torturado. Ela não tem conhecimento do delegado, do atropelamento, do tiro e das outras passagens. Mas a questão do sofrimento manteve-se, os fatores sede e injustiça continuaram. Ela acredita que ele é santo pelo sofrimento na hora da morte.

Pode-se perceber a enorme diferença entre os relatos, não havendo uma história única que difunde o santo popular. As pessoas se encontram, conversam, contam as graças

alcançadas, as promessas que pagaram, e nesse contato o santo não-canônico motorista Gregório é refeito no imaginário popular, com as pessoas renovando suas crenças, acreditando ainda mais no poder milagroso por ter exemplos de inúmeras graças alcançadas. O encontro entre os fiéis é um embate de vozes que se assemelham e se afastam diferentemente em cada devoto, com algumas novas informações sendo absorvidas por uns e rejeitadas por outros. A produção discursiva acontece nessas conversas, nesses contatos face a face que ocorre no monumento em homenagem ao milagreiro, modificando muitos aspectos da história, porém mantendo a estrutura que sensibiliza: a imagem de alguém que foi torturado e que morreu de sede na beira do rio, tornando-se um santo, assegurando o martírio e o sagrado que há no caso.

A VOZ DA MÍDIA

Esta parte do trabalho terá o embate entre os jornais "O Dia" e "O Estado", ocorrido em 1975, como objetos de análise. Esse recorte se deu por ser possível nele encontrar a maioria dos elementos vistos em todo o material analisado, como o embate entre a imprensa, como já ocorrera em 1927, e o entrelace de vozes entre devotos e jornalistas que foi encontrado em toda a amostra.

Na data de 07 de setembro de 1975 o jornal "O Dia" publicou uma matéria sobre o caso motorista Gregório alegando que o delegado Florentino "hoje está cego e paralítico na cidade de Crateús". Então, Helder Feitosa, de "O Estado", pediu que, o à época investigador, Delfino Vital da Cunha Araújo localizasse e fizesse uma matéria com o assassino do motorista Gregório para o jornal "O Estado", conforme conta Araújo: - "Helder, que era muito meu amigo, disse o seguinte: professor, me deixa rebater essa notícia. Vamos localizar o Florentino, tomar o depoimento dele. Aí, nós fomos a Crateús, o encontramos e fizemos aquela reportagem. Era uma batendo de frente com a outra". O jornal "O Estado", logo em sua capa, claramente rebatendo as informações de "O Dia", afirmou que "não é cego e nem paralítico, está completamente lúcido e com uma situação financeira razoável, o ex-tenente Florentino Cardoso" (JORNAL "O ESTADO" 16/09/1975). A seguir, a matéria de "O Dia":

> Gregório – e não interessa o sobrenome – é para todos os piauienses um mártir com uma diferença de São Sebastião: enquanto este morreu perfurado de flechas por um crime que não cometeu, o outro morreu de sede e à bala, com uma indagação permanente: "tem água para eu beber?". No próximo dia 17 será mais um aniversário da sua morte na beira do rio, no tronco de um "pau d'água" onde ele ficou agarrado a uma corrente para ser executado por um tenente da Polícia, de nome Florentino, que hoje está cego e paralítico em Crateús, Ceará. (...) O finado – como justifica para os mortos a linguagem dos vivos – passou a ser um verdadeiro santo em

> Teresina. Até o bairro onde ele foi executado pelo seu "amigo" tenente Florentino recebeu o nome de "Porenquanto". E isso criou uma lenda até: o nome surgiu porque o preso reclamava água e o tenente dizia "porenquanto tome água de sal".Consta do depoimento do acusado que ele atropelou o filho do tenente sem culpa. Mas Florentino decidiu agir com as próprias mãos e as duas fotos acima testemunham até o episódio da rede que Gregório pediu que lhe dessem, a fim de que não visse a sua própria morte. Ele colocou a rede na cara e depois dos tiros caiu sangrando, como vítima inocente que não teve a menor defesa. E além disso, como cão acorrentado, que não cometera qualquer crime. (...) O tenente, que talvez tenha executado-o sem o conhecimento da central da Polícia, nesse tempo, está hoje cego e paralítico na cidade de Crateús, enquanto Gregório tem flores e visitas constantes no seu túmulo, principalmente por parte daqueles devotos que atribuem "milagres". A festa do dia 17 terá sempre as mesmas garrafas d'água que os devotos colocam no túmulo de Gregório e as mesmas flores como respeito e crédito à sua inocência. Isto não custará nada para repetir uma história que todos os anos acontece, que relembra exclusivamente a alma mansa de um povo que nunca deu os braços à violência nem à injustiça. (O DIA, 07/09/1975)

Essa matéria tem vários elementos que demonstram a inserção do popular nos meios de comunicação, clareando a apropriação dos "causos" pela mídia, a qual precisa de histórias para publicar, e, consequentemente, acabam divulgando novas informações criadas pelos devotos, assim como seu posicionamento de que há um injustiçado, de que há um santo, e de que o criminoso pagou em vida pelo pecado cometido. As vozes do povo e dos jornalistas se confundem, ora um sendo o produtor dos pensamentos divulgados ora o outro tomando para si essa posição. Abaixo alguns trechos serão destacados para exemplificar melhor relação acima exposta.

O jornalista começa sua matéria com "Gregório – e não interessa o sobrenome – é para todos os piauienses um mártir com uma diferença de São Sebastião: enquanto este morreu perfurado de flechas por um crime que não cometeu, o outro morreu de sede e à bala". A santificação do motorista Gregório é feita logo nas primeiras linhas ao compará-lo com São Sebastião, pois ambos, segundo o jornal, morreram injustiçados, por crimes não cometidos. A busca por semelhanças entre o santo popular e alguém beatificado se repete porque, assim como o devoto Antonio Silva no tópico "A Voz dos Fiéis" comparou Gregório a Jesus mostrando o sofrimento e a injustiça que é capaz de santificar, o jornal utilizou o mesmo recurso para sensibilizar e fazer crer na santidade do, agora, piauiense.

O martírio é reempregado, surgindo descrições a todo o momento, tais como a da corrente, a da sede, o do tiro, a da expectativa da morte, o do rio visto e inalcançável etc. O sofrimento é recurso para a sensibilização do público e é auxílio para que corroborem com a imagem de santo. Vários trechos podem ser destacados, tais como: "E além disso, como cão

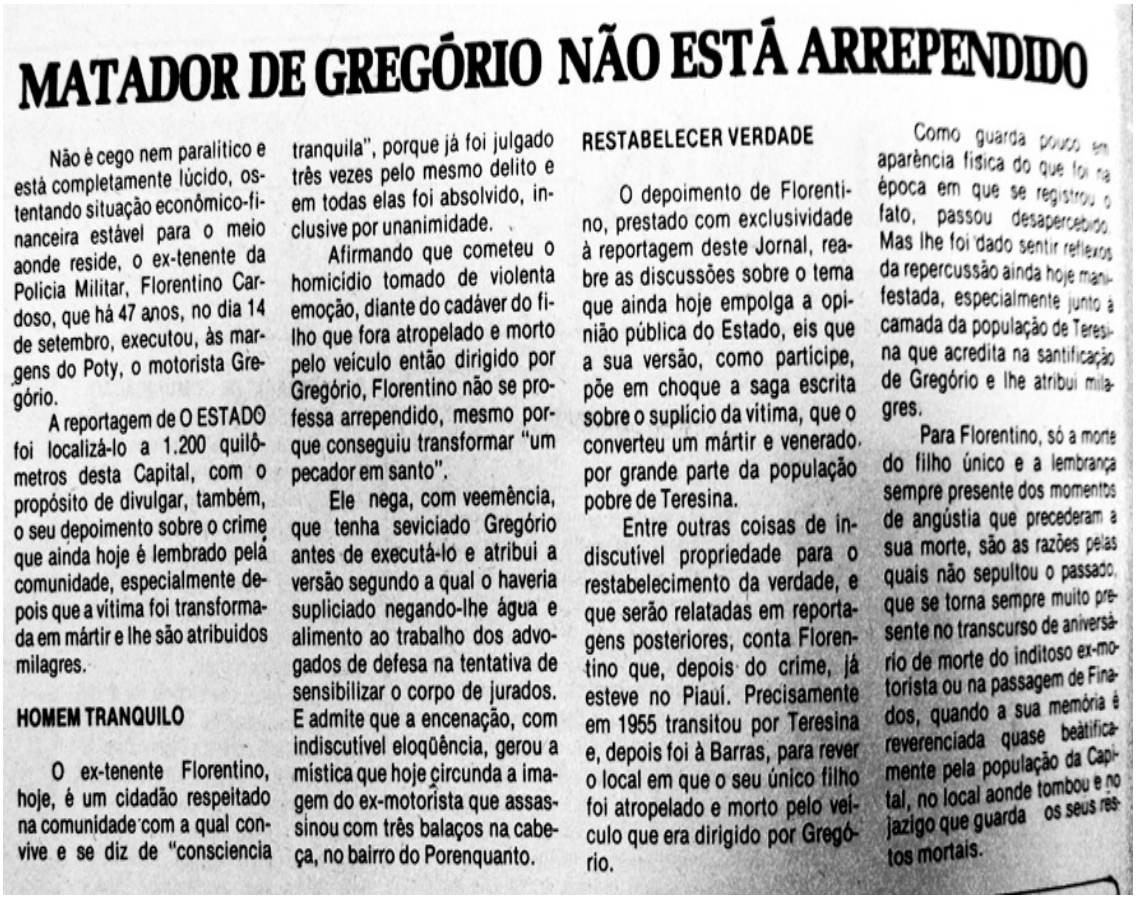
acorrentado, que não cometera qualquer crime"; "o outro (Gregório) morreu de sede e à bala, com uma indagação permanente: 'tem água para eu beber?'"; "No próximo dia 17 será mais um aniversário da sua morte na beira do rio, no tronco de um 'pau d'água' onde ele ficou agarrado a uma corrente para ser executado". É interessante destacar que além da sede e do rio, o motorista Gregório foi amarrado num "tronco de um pau d'água" para ser executado, o que, mais uma vez se assemelha ao discurso de Antonio Silva quando este afirma que "deram um tiro na testa. Ele morreu primeiro agonizando. Ele já estava morto, ai pegaram e executaram". O tiro sempre aparece em segundo plano, mesmo sendo a *causa mortis*, pois morrer sem sofrimento não enternece. Tanto o jornal quanto o devoto recorrem à sede para mostrar que o assassinato do injustiçado foi cruel, como os de Jesus e de São Sebastião.

Nessa matéria em análise surgem dois fatos, um que não foi encontrado em nenhum outro meio de comunicação mediado, e outro que foi escutado algumas vezes nas conversas no monumento ao motorista Gregório. O primeiro trata-se do desejo de uma rede, a qual "Gregório pediu que lhe dessem, a fim de que não visse a sua própria morte. Ele colocou a rede na cara e depois dos tiros caiu sangrando, como vítima inocente que não teve a menor defesa". Essa é mais uma descrição que fortalece a piedade de quem lê o jornal. O segundo trecho é sobre o nome do bairro onde o motorista foi executado: "Até o bairro onde ele foi executado pelo seu 'amigo' tenente Florentino recebeu o nome de 'Porenquanto'. E isso criou uma lenda até: o nome surgiu porque o preso reclamava água e o tenente dizia 'porenquanto' tome água de sal (suor)". Além de morrer acorrentado num tronco de pau d'água, ele só tinha seu suor para beber. A questão de o bairro chamar-se "Porenquanto" também foi ouvida entre os fiéis, mas também houve outros que disseram que o nome surgiu porque as pessoas esperavam o barco para realizar a travessia do Poti e diziam uns aos outros: "o barco vai já chegar, espera aí por enquanto".

Fica evidente o entrelace de vozes que há entre o jornal e o povo, um não existindo sem o outro, ocorrendo uma simbiose em que o produtor e o receptor dos "causos" se confundem. Quem determina o conhecimento de quem? O jornal é um todo poderoso que diz no que os devotos devem acreditar ou são os devotos que dizem o que os jornais devem publicar? Nem uma coisa e nem outra. Todo processo é formado por peças que atuam e servem a uma finalidade. A comunicação que tem como foco o motorista Gregório ocorre em processo, tendo um arcabouço semi-estruturado, que é idéia de um milagreiro, na qual são depositados os causos e os estereótipos, que podem ser usados por estruturas maiores e mais fortes, que são as mídias e a própria comunidade. A dialética funciona como uma enzima,

catalisando diversas histórias e formando muitas outras, contribuindo para o contínuo crescimento do grupo através da fortificação do capital simbólico utilizado pelos fiéis.

Como resposta à matéria de "O Dia", o jornal "O Estado" decidiu procurar o assassino do motorista Gregório. Para isso, Helder Feitosa, responsável pelo "O Estado", teve a idéia de pedir para que Vital Araújo localizasse Florentino e fizesse uma matéria, provando que o jornal rival estava errado, mostrando que o delegado "não é cego nem paralítico e está completamente lúcido, ostentando situação econômico-financeira estável para o meio aonde reside" (O ESTADO, 16 de setembro de 1975), conforme está escrito nesta matéria:



MATADOR DE GREGÓRIO NÃO ESTÁ ARREPENDIDO

Não é cego nem paralítico e está completamente lúcido, ostentando situação econômico-financeira estável para o meio aonde reside, o ex-tenente da Polícia Militar, Florentino Cardoso, que há 47 anos, no dia 14 de setembro, executou, às margens do Poty, o motorista Gregório.

A reportagem de O ESTADO foi localizá-lo a 1.200 quilômetros desta Capital, com o propósito de divulgar, também, o seu depoimento sobre o crime que ainda hoje é lembrado pela comunidade, especialmente depois que a vítima foi transformada em mártir e lhe são atribuídos milagres.

HOMEM TRANQUILO

O ex-tenente Florentino, hoje, é um cidadão respeitado na comunidade com a qual convive e se diz de "consciencia tranquila", porque já foi julgado três vezes pelo mesmo delito e em todas elas foi absolvido, inclusive por unanimidade.

Afirmando que cometeu o homicídio tomado de violenta emoção, diante do cadáver do filho que fora atropelado e morto pelo veículo então dirigido por Gregório, Florentino não se professa arrependido, mesmo porque conseguiu transformar "um pecador em santo".

Ele nega, com veemência, que tenha seviciado Gregório antes de executá-lo e atribui a versão segundo a qual o haveria supliciado negando-lhe água e alimento ao trabalho dos advogados de defesa na tentativa de sensibilizar o corpo de jurados. E admite que a encenação, com indiscutível eloqüência, gerou a mística que hoje circunda a imagem do ex-motorista que assassinou com três balaços na cabeça, no bairro do Porenquanto.

RESTABELECER VERDADE

O depoimento de Florentino, prestado com exclusividade à reportagem deste Jornal, reabre as discussões sobre o tema que ainda hoje empolga a opinião pública do Estado, eis que a sua versão, como partícipe, põe em choque a saga escrita sobre o suplício da vítima, que o converteu um mártir e venerado por grande parte da população pobre de Teresina.

Entre outras coisas de indiscutível propriedade para o restabelecimento da verdade, e que serão relatadas em reportagens posteriores, conta Florentino que, depois do crime, já esteve no Piauí. Precisamente em 1955 transitou por Teresina e, depois foi à Barras, para rever o local em que o seu único filho foi atropelado e morto pelo veículo que era dirigido por Gregório.

Como guarda pouco em aparência física do que foi na época em que se registrou o fato, passou desapercebido. Mas lhe foi dado sentir reflexos da repercussão ainda hoje manifestada, especialmente junto à camada da população de Teresina que acredita na santificação de Gregório e lhe atribui milagres.

Para Florentino, só a morte do filho único e a lembrança sempre presente dos momentos de angústia que precederam a sua morte, são as razões pelas quais não sepultou o passado, que se torna sempre muito presente no transcurso de aniversário de morte do inditoso ex-motorista ou na passagem de Finados, quando a sua memória é reverenciada quase beatificamente pela população da Capital, no local aonde tombou e no jazigo que guarda os seus restos mortais.

O teor dessa reportagem é totalmente diferente da anteriormente analisada, pois não utiliza a voz do povo, mas o depoimento do assassino. Não é mais o povo quem fala, não existe defesa ao mártir, e, conseqüentemente, não existe vilão, havendo um delegado condenado pelo povo e absolvido pela justiça. Com o intuito de lutar contra as afirmações de "O Dia", "O Estado" também combate a idéia de santo, pois publica a versão de Florentino dando esta como a verdade ao escrever "Restabelecer a Verdade" e ao afirmar que "(...) entre outras coisas de indiscutível propriedade para o restabelecimento da verdade, e que serão

relatadas em reportagens posteriores, conta Florentino que, depois do crime, já esteve no Piauí (...)". Quando Florentino através de "O Estado" afirma que não torturou, não deixou Gregório passar sede, foi inocentado pela justiça e que não está arrependido porque transformou "um pecador em santo", esse jornal anda em sentido totalmente oposto não somente à visão do jornal rival, mas à crença dos devotos, indo de encontro à estrutura sensibilizadora e criadora do santo: o martírio. Porém um paradoxo é enxergado nessa produção, pois o autor da reportagem Vital Araújo é devoto, sendo o principal responsável pela tentativa de beatificação do santo não-canônico motorista Gregório, como aparece na reportagem de 9 de novembro de 1998 do jornal "Agora":

> Segundo Vital Araújo, do Departamento de Polícia Técnica e Científica do Piauí e devoto que tenta iniciar o 'caminho para o altar' de Gregório, é necessário reunir todos os testemunho de graças alcançadas que comprovem a intervenção do motorista Gregório junto a Deus na obtenção de milagres em favor de seus fiéis. "É muito difícil, reconheceu".

Do mesmo modo em que a crença dos devotos foi difundida por um impresso, a versão do delegado foi utilizada por outro, embora as vozes dos fiéis sejam reiteradas em várias outras notícias, enquanto que a do delegado foi pauta em uma única matéria em toda a amostra analisada.

As histórias, os causos e os embates sobre qual versão é a verdadeira não estão restritos ao contato face a face, ao encontro entre os que crêem no santo popular, à praça de Bakhtin[5] ou aos Centros de Informação de Beltrão (2001, p. 217)[6]. Os meios de comunicação mediados participam desse processo, absorvendo as idéias do povo e difundindo para os leitores - os quais podem ser fiéis - aparecendo, dessa forma, a dialética - formada pela tese, antítese e síntese - tendo seus agentes variáveis, dialogando, trocando informações para a construção de uma nova idéia ou de um novo entendimento. Esse esquema sempre está em funcionamento, tendo como agentes componentes os fiéis e os meios de comunicação mediada. Ora um atua como emissor ora como receptor, sendo o resultado desse encontro uma síntese. E esta se confronta com outras sínteses formando uma nova história, um novo valor, nascendo algo que será incorporado ao capital simbólico.

[5] Nas palavras de Martin-Barbero (2009, p. 101-102): A praça é um espaço não segmentado, aberto à cotidianidade e ao teatro, mas um teatro sem distinção de atores e espectadores. Caracteriza a praça sobretudo uma linguagem; ou melhor: a praça é uma linguagem, "um tipo particular de comunicação", configurado a partir da ausência das construções que especializam as linguagens oficiais, seja a da Igreja, a da Corte ou a dos tribunais.

[6] [...] a praça da feira, o fogão, as vendas e pulperias, portos fluviais e pequenos ancoradouros da costa, o pátio da igreja, a farmácia e a barbearia, o terraço das casas grandes, onde as novidades são recebidas e interpretadas, provocando a cristalização de opiniões capazes de, em determinado momento e sob certo estímulo, levar uma massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações que envolvem o motorista Gregório e as comunidades que surgem/vivem nelas e por elas não são produtos de idéias da cultura "pura", não são frutos de metodologias especificas das artes "eruditas" e também não são versões mutiladas da arte "superior". É o popular, com as classes subalternas criando e recriando seus mártires, santos e heróis através dos causos e da necessidade do apego a figuras capazes de os ajudarem contra os sofrimentos.

Mas esse desenvolvimento, inicialmente silencioso, ocorre de forma complexa, indo além primeiras impressões causadas aos fiéis, aos jornalistas ou aos pesquisadores, que submergem nas histórias e em teorias para entenderem o funcionamento social de um determinado grupo. Inúmeros fatores podem contribuir para a evolução/revolução de pensamentos e de ideologias, tendo a linguagem papel destacado nas transformações. A oralidade e as mídias, seja impressa ou audiovisual, atuam de maneira dialética criando e recriando histórias, umas sendo absorvidas como verdades que devem ser divulgadas e outras deixando de serem vistas, escapando furtivamente do acervo cultural formador das comunidades.

Fica evidente que os jornais usam as histórias populares em suas páginas e utilizam os devotos como fontes, como os que detêm o conhecimento. Estes também não criam suas histórias e suas crenças somente a partir do contato com os outros fieis, porque recorrem à Grande Mídia para se atualizarem e para saberem de novos aspectos e desdobramentos da história. Não é uma relação apocalíptica nem integrada, pois os meios de comunicação mediada não impõem uma visão de uma elite dominante, tentando dominar uma massa; como também não tomam a posição de um educador generoso que tem como grande objetivo democratizar a cultura para as massas. Muito pelo contrário, é justamente um tema, um objeto incomum na "elite erudita" que avança calma e silenciosamente, sendo incorporado pelos jornais, conseguindo mostrar-se a grupos longínquos que não se interessam pelo santo popular, mas, involuntariamente, sabem da sua existência. O jornal é uma intersecção entre a "cultura erudita" e a "cultura popular", com os causos tornando-se notícias e, desta forma, tendo acesso aos mais diversos ambientes.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. In: Formação Histórica do Catolicismo Popular Brasileiro. In: **A Religião do Povo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 44-71.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Texto e do Discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. (Orgs). **Diálogos com Bakhtin**. 3ed. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001, p. 21-42.

BARROS, Eneas. **Parabélum**. Teresina: [s.n.], 2008.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

DIAS, William Palha; ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. **Motorista Gregório**: mártir ou santo? Teresina: Editora Gráfica Expansão, 2005.

MARQUES, Maria Celeste Said S. Panfletos: uma leitura sob o olhar de Bakhtin e de De Certeau. Porto Velho: Edufro, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações.** 6ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Conceito de Religiosidade Popular. In: **A Religião do Povo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 9-15.

WOLF, Mauro. **Teoria das Comunicações de Massa**. Tradução de Karina Jannini. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.